

Espaços da Recordação



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade
TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente
MÁRCIA ABREU

EUCLIDES DE MESQUITA NETO – IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO
MARCOS STEFANI – MARIA INÉS PETRUCCI ROSA
OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR. – RENATO HYUDA DE LUNA PEDROSA
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Aleida Assmann

ESPAÇOS DA
RECORDAÇÃO
FORMAS E TRANSFORMAÇÕES
DA MEMÓRIA CULTURAL

TRADUÇÃO

Paulo Soethe

(coord.)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

As77e Assmann, Aleida.
Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural / Aleida Assmann;
tradução: Paulo Soethe. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

1. Memória – Arte. 2. Memória na literatura. 3. Cultura. 4. Arte – História. 5. Arte – Filosofia. I. Soethe, Paulo. II. Título.

CDD 701
809
301.2
709
701

ISBN 978-85-268-0959-8

Título original: *Erinnerungsräume: Formen und
Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*
Copyright © Verlag C.H. Beck oHG, München 2006

Copyright da tradução © 2011 by Editora da Unicamp

A tradução desta obra foi apoiada por uma
subvenção do Goethe-Institut com recursos do
Ministério das Relações Exteriores da Alemanha



2ª reimpressão, 2018

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Espaços da Memória

Esta coleção reúne obras que são referência nos estudos da memória. Visando divulgar e aprofundar esse campo de pesquisa, a coleção tem um caráter interdisciplinar e circula entre a teoria literária, a história e o estudo das diferentes artes. Suas obras abrem a perspectiva de uma visada singular sobre a cultura como um diálogo e um embate entre diversos discursos mnemônicos e registros da linguagem.

Sobre a tradução

Este livro foi traduzido por uma equipe de jovens tradutores, sob a coordenação do professor Paulo Soethe (UFPR). O coordenador traz a responsabilidade última pela correção e adequação dos textos. A autoria e o mérito das traduções estão indicados a cada capítulo. A terceira parte foi traduzida integralmente por Daniel Martineschen. Como ele, Natasha Silva, Fernanda Boarin Boechat e William Haack, todos formados pela UFPR, contaram com o auxílio de Gabrielle de Lima Farah e Marluce Alessandra Peron Garcia (estudantes daquela instituição) para a indicação e a compilação de citações já disponíveis em tradução brasileira.

Prefácio

Antes que o presente trabalho viesse à publicação, sofreu diferentes metamorfoses. Em sua versão inicial, de 1992, fora aceito pela faculdade de Filosofia da Universidade de Heidelberg como tese de livre-docência. Dois trechos dessa tese foram bastante modificados e publicados, separadamente, em forma de livro, a saber: *Arbeit am nationalen Gedächtnis. Eine kurze Geschichte der deutschen Bildungsidee* (Frankfurt, 1993) [Trabalho sobre a memória nacional. Uma breve história da ideia alemã de formação] e *Zeit und Tradition. Kulturelle Strategien der Dauer* (Wien, 1998) [Tempo e tradição. Estratégias culturais da duração]. Uma parte também foi modificada em um longo processo de “fermentação” em relação à primeira versão, não sem grandes consequências. Impulsos produtivos em prol da reescrita ou do prosseguimento do trabalho vieram sobretudo de dois grupos de pesquisa, com os quais tive o prazer de interagir em março de 1995, no Gatty Center, em Santa Monica, e no primeiro semestre de 1995, no Centro de Pesquisa Interdisciplinar [*Zentrum für Interdisziplinäre Forschung*] em Bielefeld. Agradeço a Salvatore Settis pela ligação com o Grupo sobre Memória, em Santa Monica, e a Jörn Rüsen, pela acolhida em seu grupo de pesquisadores Formação histórica do sentido [*Historische Sinnbildung*].

Em algumas partes, o processo de escrita ganhou a qualidade de fiação de Penélope, que ainda se teria mantido em equilíbrio por muito tempo, a desfazer-se e renovar-se, não fossem as cartas regulares com perguntas sobre a situação do livro. Pois, de modo pouco cuidadoso, Jan Assmann anunciou em um de seus livros a publicação de meu trabalho, que se daria em breve, e, com isso, como eu temia, despertaram-se expectativas demasiado altas. Agradeço a esses leitores e leitoras desconhecidos *in spe* pela pressão psicológica suave, que conduziu, enfim, à versão final do trabalho. Na redação definitiva do manuscrito,

apoiaram-me Andréas Kraft, com seu cuidado infindável, lealdade e persistência, bem como Ernst-Peter Wieckenberg, com seu enorme engajamento, sua competência e disponibilidade incrível. Quero agradecer, sobretudo, a Jan Assmann, por nossos longos e animados diálogos, e a meus filhos, Vincent, David, Marlene, Valerie e Corinna, que não apenas suportaram as escapadas de sua mãe cientista, como também delas participaram substancialmente. A eles dedico o livro.

Aleida Assmann
Constança, agosto de 1998

Sumário

<i>Introdução</i>	15
-------------------------	----

PRIMEIRA PARTE FUNÇÕES

I <i>A memória como Ars e Vis</i>	31
II <i>A secularização da memoração</i> — Memoria, Fama, Historia	37
1. Arte da memória e <i>memoria</i> dos mortos.....	37
2. <i>Fama</i>	42
Lágrimas de Alexandre, o Grande, sobre a lápide de Aquiles	43
Templo da fama e memoriais.....	47
3. <i>Historia</i>	53
Origem e memória	53
O sentido histórico	55
O túmulo do esquecimento	58
Monumentos, relíquias e sepulturas.....	60
III <i>A luta das recordações nas histórias de Shakespeare</i>	69
1. Lembrança e identidade.....	71
2. Recordação e história.....	77
3. Recordação e nação	84
4. Epílogo no teatro.....	92
IV <i>Wordsworth e a mazela do tempo</i>	99
1. <i>Memoria</i> e recordação	99

2. Recordação e identidade.....	106
John Locke e David Hume.....	106
William Wordsworth.....	111
3. <i>Recollection</i> : recordação e imaginação.....	114
4. <i>Anamnesis</i> : espelhamentos místicos.....	118
V <i>Caixas mnemônicas</i>	125
1. A memória como arca — A mnemotécnica cristã de Hugo de São Vítor.....	126
2. A caixinha de Dario — Heinrich Heine.....	130
3. O caixote cruel — E. M. Forster.....	138
VI <i>Memória funcional e memória cumulativa — Dois modos da recordação</i>	143
1. História e memória.....	143
2. Memória funcional e memória cumulativa.....	146
Tarefas da memória funcional.....	151
Tarefas da memória cumulativa.....	153
3. Um diálogo com Krzysztof Pomian sobre história e memória.....	156

SEGUNDA PARTE

MEIOS

I <i>Sobre as metáforas da recordação</i>	161
1. Metáforas da escrita: <i>Tafel</i> , livro e palimpsesto.....	164
2. Metáforas do espaço.....	170
Escavar.....	174
3. Metáforas temporais da memória.....	178
Engolir, ruminar, digerir.....	178
Congelar e descongelar.....	181
Dormir e acordar.....	182
Evocação de espíritos.....	184
II <i>Escrita</i>	193
1. Escrita como <i>medium</i> de eternização e suporte da memória.....	195
2. Sobre a concorrência entre escrita e imagem como mídias da memória.....	205
Escrita como reservador de energia.....	205
Francis Bacon e John Milton.....	207
3. O declínio das letras — Burton, Swift.....	213

4. De textos a vestígios.....	221
William Wordsworth	221
Thomas Carlyle	223
5. Escrita e vestígio	226
6. Vestígios e lixo	229
III <i>Imagem</i>	235
1. <i>Imagines agentes</i>	238
2. Símbolos e arquétipos.....	242
3. Imagens de mulheres na memória masculina.....	246
Mona Lisa como <i>Magna Mater</i> (Walter Pater).....	246
O amante como colecionador (Marcel Proust).....	250
Memória imagética reconstrutiva e explosiva (James Joyce).....	253
IV <i>Corpo</i>	259
1. Escritas do corpo	259
2. Estabilizadores da recordação.....	267
Afeto.....	269
<i>Symbol</i>	273
Trauma.....	276
3. Falsas recordações	283
O debate americano sobre a <i>false memory</i>	285
Critérios da credibilidade das recordações na <i>oral history</i>	288
A “verdade” de recordações falsas — Quatro casos exemplares	291
4. Trauma de guerra na literatura.....	297
Trauma e mito — A Helena egípcia de Hofmannsthal.....	298
Trauma e fantasia — <i>Slaughterhouse five</i> , de Kurt Vonnegut.....	303
Trauma e memória ética — O <i>Ceremony</i> , de Leslie Marmon	309
V <i>Locais</i>	317
1. A memória dos locais	317
2. Locais das gerações	320
3. Locais sagrados e paisagens míticas.....	322
4. Locais da memória exemplares — Jerusalém e Tebas.....	324
5. Locais honoríficos — Petrarca em Roma, Cícero em Atenas	328
6. <i>Genius Loci</i> — Ruínas e invocações do espírito.....	334
7. Sepulturas e lápides.....	342

8. Locais traumáticos	348
Auschwitz.....	350
Locais de memória a contragosto — A topografia do terror.....	355
A aura dos locais de memória.....	359

TERCEIRA PARTE
ARMAZENADORES

I <i>Arquivo</i>	367
II <i>Persistência, decadência, resíduos — Problemas da conservação e a ecologia da cultura</i>	373
III <i>Simulações de memória na terra perdida do esquecimento — Instalações de artistas contemporâneos</i>	385
1. Anselm Kiefer.....	386
2. Sigrid Sigurdsson.....	391
3. Anne e Patrick Poirier.....	394
IV <i>Memória como um tesouro de sofrimentos</i>	399
1. Christian Boltanski — “A casa ausente”.....	402
2. Ciclo fotográfico “Evidências”, de Naomi Tereza Salmon.....	405
V <i>Além dos arquivos</i>	411
1. Catadores de farrapos — Sobre a relação entre arte e lixo.....	412
2. Um pequeno museu para o resto do mundo — Ilya Kabakow	419
3. A enciclopédia dos mortos — Danilo Kiš	426
4. A biblioteca da graça — Thomas Lehr.....	430
5. Lava e lixo — Durs Grünbein.....	432
<i>Conclusão — A crise da memória cultural</i>	437
<i>Nota bibliográfica</i>	443
<i>Índice onomástico</i>	445
<i>Créditos de imagens</i>	455

Introdução*

“Só se fala tanto de memória porque ela já não existe mais”, diz a citada frase de Pierre Nora¹. Essa frase atesta a tão conhecida lógica segundo a qual um fenômeno já precisa estar perdido, para só então se instalar em definitivo na consciência. A consciência se desenvolve normalmente “no signo do acabado”. Essa lógica condiz com o caráter retrospectivo da lembrança, acionado somente quando a experiência na qual a lembrança se baseia já estiver consolidada no passado. Tomemos por ora a segunda parte da frase, isto é, a tese de que não existe mais memória. É assim mesmo? Não existe mais memória? E que tipo de memória não existiria mais?

Quem, por exemplo, associa o saber verdadeiro com o saber de cor tem que admitir que hoje em dia essa arte não está nada bem. O currículo de língua alemã já não prevê que se decorem sequer baladas de quatro estrofes. É certo que hoje em dia ainda existem virtuosos memorizadores, que anualmente se reúnem em Londres para pôr suas memórias à prova e disputar uma vaga no Livro Guinness dos Recordes com marcas espetaculares². Porém é inegável que a era de ouro dessa arte já acabou. Na Antiguidade ainda se atribuía a líderes militares, homens de Estado e reis uma memória excepcional; hoje quem é um virtuoso da memória cai no ramo do entretenimento ou até do patológico: a distância que separa a

* Tradução: Daniel Martineschen.

1 Pierre Nora, *Zwischen Geschichte und Gedächtnis* [Entre história e memória]. Vol. II. Berlin, 1990.

2 Ulrich Ernst reuniu dados minuciosos quanto a virtuosos da memória desde a Antiguidade até o presente, tanto na ficção quanto na vida real. Cf. Ulrich Ernst, “Die Bibliothek im Kopf: Gedächtniskünstler in der europäischen und amerikanischen Literatur” [A biblioteca na cabeça: Artistas da memória na literatura europeia e americana], in *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 105 (1997), pp. 86-123.

arte de memorizar da doença da memória não parece mais muito grande. Afinal, por que decorar o que se pode consultar nos livros? O aumento constante da capacidade dos dispositivos para armazenar conhecimento corresponde diretamente ao declínio também crescente do “saber de cor”. Mas, mesmo antes de os computadores tomarem o lugar da memória, o valor do saber de cor já fora questionado. Platão já defendia que conhecimento decorado não era conhecimento verdadeiro. No seu diálogo *Fedro* [*Phaidros*] ele critica não somente a escrita, mas escarnece também da nova técnica dos sofistas para memorizar textos escritos mediante sua leitura em voz alta. A história da arte de memorizar foi acompanhada desde seu início por uma crítica fundamental a ela, especialmente porque o que se memorizava muito bem nem sempre correspondia aos padrões da razão e do empirismo. “Eu te arranco da cabeça essas fábulas que a ama de leite te contou!”, consta em uma sátira de Pérsio³. E na metade do século XVII o médico e teólogo Sir Thomas Browne dissolveu a aliança entre tradição, conhecimento e memória quando escreveu: “Conhecimento se obtém pelo esquecimento, e se quisermos um corpo de verdades claro e confiável, devemos abrir mão do muito que sabemos”⁴. Durante o Renascimento, que experimentou uma recuperação da arte de memorizar, a crítica da memória também se renovou. Harald Weinrich chamou a atenção para essa tradição, à qual pertencem, entre outros, Montaigne e Cervantes. O romance *Dom Quixote* pode ser lido como um manifesto pela “dissociação fundamental entre espírito e memória”, e nos *Ensaio*s se encontra uma “negação da pedagogia da memória de alto desempenho”⁵. Sobretudo nos autores modernos se encontram difamações da memória em nome da razão, da vida, da originalidade, da individualidade, da inovação, do progresso e de quantos outros nomes tenham os deuses da modernidade. Weinrich constata:

De qualquer forma é notável que a inimizade entre razão e memória, constatada primeiro por Huarte, tenha conduzido em toda a Europa, desde o Iluminismo, a uma guerra generalizada contra a memória, na qual foi vencedora a razão esclarecida. Desde então temos todos uma péssima memória, e sequer nos envergonhamos disso. Por outro lado, não se veem muitas pessoas reclamando de serem fracas da razão. (p. 579)

- 3 “[...] ueteres auias tibi de pulmone reuello”. A. Persi Flacci et D. Ivni Ivvenalis, *Satirae*. Edidit Brevique Adnotatione Critica Denno Instrvxit W. V. Clausen, Oxford University Press, 1992. Satvra V, 92/21.
- 4 Sir Th. Browne, *Selected Writings*. Ed. por Sir G. Keynes. Londres, 1968, p. 227.
- 5 Harald Weinrich, “Gedächtniskultur — Kulturgedächtnis” [Cultura e memória — Memória da cultura], in *Merkur* 508 (1991), pp 569-82. Esse ensaio está incluído como capítulo de livro do mesmo autor: *Lete — Arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

Provavelmente Nora entende por “memória” muito mais a tradição cultural em geral, a *memória formativa* [*Bildungsgedächtnis*] e menos a *memória de aprendizagem* [*Lerngedächtnis*] da mnemotécnica. É através da primeira que o indivíduo se vincula a uma nação ou região específica⁶. Nos cadernos culturais de nossos jornais encontramos regularmente reclamações sobre a diminuição da memória cultural, e em Joachim Fest encontramos a tese de que o “entusiasmo pela destruição” não é um fenômeno recente. Na Alemanha dos séculos XIX e XX os contextos políticos e culturais foram esfacelados “um após outro, por tédio ou incompreensão”, e por fim as revoltas da juventude no final dos anos 1960 procuraram apagar, “além de muitos sobreviventes, autoridades e tabus”, também linhagens de família e lembranças⁷. Albrecht Schöne, germanista e estudioso de Goethe, constata nos dias de hoje uma revolução cultural subreptícia, um “deslocamento de época” que afeta um “continente espiritual” inteiro, afastando-o de seu rumo:

O que se rompe no fundamento cultural e o que se perde em relação às bases de entendimento e capacidades de compreensão coletivas, comuns a diversas gerações, não dizem respeito, de modo algum, somente às grandes obras antigas. O mesmo se aplica também aos diários de nossos bisavós ou às cartas de nossas avós⁸.

A comunicação entre épocas e gerações interrompe-se quando um dado repositório de conhecimento partilhado se perde. Da mesma forma que as “grandes obras antigas”, como o *Fausto* de Goethe, só são legíveis nos termos de textos maiores e mais antigos, como a Bíblia — que William Blake chamou de “o grande código da Arte”⁹ —, as anotações de nossos avós e bisavós só são legíveis nos termos das histórias de família recontadas oralmente. Há, então, um paralelo entre a memória *cultural*, que supera épocas e é guardada em textos normativos, e a memória *comunicativa*, que normalmente liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente. Schöne diagnostica a diminuição da memória nos dois níveis — memória cultural e comunicativa.

6 Ambos os tipos de memória — de aprendizagem e formativa — são agrupados por psicólogos da memória sob a categoria da *memória semântica*.

7 Joachim Fest, “Das Zerreißen der Kette. Goethe und die Tradition” [Romper o grilhão. Goethe e a tradição], *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 21 jun., 1997, nº 141. A formulação do “entusiasmo pela destruição” é de Goethe.

8 Albrecht Schöne, “Discurso de agradecimento pela recepção do prêmio Reuchlin em 17 de junho 1995 em Pforzheim”, *Die Zeit*, nº 34, 18 ago., 1995, p. 36.

9 Ver Northrop Frye, *O código dos códigos*. São Paulo, Boitempo, 2004.

Nora descreve a crise da memória como um desacoplamento entre passado e presente. Ele fala de uma “queda acelerada em um passado morto e irrecuperável”; de um dilaceramento “do que se experienciou e ainda está enraizado no calor da tradição, no silêncio dos costumes e na repetição do que é legado por gerações anteriores”, para então identificar a força destruidora em ação: “uma onda fundamental de historicidade arrasadora”. Tudo que ainda hoje se entende como memória está “destinado ao desaparecimento definitivo no fogo da história”¹⁰. Essas afirmações poderiam ser relacionadas a uma crise atual da *memória experiencial* [*Erfahrungsgedächtnis*], que consiste no fato de que, com o avanço rumo à próxima geração, as testemunhas que sobreviveram à maior catástrofe deste século, a *shoah*, terão morrido uma a uma. Sobre isso escreve o historiador Reinhart Koselleck:

Com a mudança de geração muda também o objeto da observação. A partir de um *passado que é presente* e impregnado de experiências dos sobreviventes constrói-se um *passado puro*, depurado das experiências. [...] Com a recordação que se esvai, o distanciamento não só aumenta, também se altera sua qualidade. Em breve, somente os documentos falarão, carregados de imagens, filmes e memórias¹¹.

Koselleck descreve a mudança do passado ainda presente para o passado puro como a substituição da experiência histórica viva pela pesquisa histórica científica. O que isso significa em detalhes?

Os critérios de pesquisa se tornam mais sóbrios, mas talvez se tornem também *mais pálidos* e menos saturados de empirismo, ainda que prometam reconhecer ou objetivar mais coisas. A consternação moral, as funções de proteção disfarçadas, as acusações e atribuições de culpa próprias à historiografia: todas essas técnicas de lidar com o passado *perdem* seu referencial político-existencial. Elas se *desvanecem* em prol de pesquisas científicas pontuais e análises sustentadas por hipóteses¹². (grifo nosso)

Palidez, perda, desvanecimento: esses termos são todos circunscrições de um processo inexorável de esquecimento que, segundo Koselleck, desemboca de maneira determinada na cientificização. Com isso, ele opõe a lembrança pessoal corpórea e a pesquisa histórica de abstração científica. Esse modelo sugere que a

10 Pierre Nora, *Zwischen Geschichte und Gedächtnis*, p. 18.

11 Reinhart Koselleck, Posfácio para: Charlotte Beradt, *Das Dritte Reich des Traums* [O Terceiro Reich do sonho]. Frankfurt, 1994, pp. 117-32; o trecho citado está na p. 117.

12 Idem, op. cit.

história deve primeiro *estar morta* nas mentes, nos corações e nos corpos das pessoas afetadas, para que possa então se erguer como ciência, tal qual uma fênix, a partir das cinzas da experiência. Enquanto houver pessoas afetadas pela lembrança e, com elas, afecções, reivindicações e protestos concretos, a perspectiva científica corre risco de distorção. Portanto, objetividade não é só uma questão de *método* e de padrões críticos, mas também de *mortificação*, extinção e desvanecimento da dor e da consternação.

Pode-se afirmar que atualmente ocorre o processo exatamente oposto ao descrito por Koselleck. O evento do Holocausto não ficou pálido e descolorido com o passar dos anos, mas, paradoxalmente, está mais próximo e vivo do que se imaginaria. Formulações como as seguintes não são raras: “Quanto mais nos afastamos de Auschwitz, tanto mais próximo esse evento está, tanto mais somos acoçados pela lembrança desse crime”¹³. Hoje não temos mais que lidar com uma autossuspensão, mas, pelo contrário, com uma intensificação do problema da memória. Isso se deve ao fato de que a memória experiencial das testemunhas da época, caso não se deva perder no futuro, deve traduzir-se em uma memória cultural da posteridade. Dessa forma, a memória viva implica uma memória suportada em mídias que é protegida por portadores materiais como monumentos, memoriais, museus e arquivos. Enquanto os processos de recordação ocorrem espontaneamente no indivíduo e seguem regras gerais dos mecanismos psíquicos, no nível coletivo e institucional esses processos são guiados por uma política específica de recordação e esquecimento. Já que não há auto-organização da memória cultural, ela depende de mídias e de políticas, e o salto entre a memória individual e viva para a memória cultural e artificial é certamente problemático, pois traz consigo o risco da deformação, da redução e da instrumentalização da recordação. Tais restrições e enrijecimentos só podem ser tratados se acompanhados de crítica, reflexão e discussão abertas.

A afirmação de Nora sobre diminuição da memória no presente vai de encontro à tese defendida em um livro feito por médicos, psicólogos e cientistas culturais norte-americanos. Nesse trabalho fala-se justamente sobre o crescente papel da recordação na vida pública e de um novo e desconhecido significado da memória na cultura contemporânea:

Vivemos em um tempo em que a memória se tornou, como nunca antes, um fator de discussão pública. Apela-se à recordação para curar, para acusar, para justificar. A

13 Linda Reisch, “Prefácio” de Hanno Loewy (org.), in *Holocaust: Die Grenzen des Verstehens. Eine Debatte über die Besetzung der Geschichte* [Holocausto: Os limites do entendimento. Um debate sobre a ocupação da história]. Reinbek, 1992, p. 7.

recordação tornou-se parte essencial da criação identitária individual e coletiva e oferece palco tanto para conflito quanto para identificação¹⁴.

Enquanto certos tipos de memória se retraem (como a memória de aprendizagem, a formativa e, com referência à *shoah*, a memória experiencial), outras formas ganham claramente importância, como a das mídias ou a da política, pois o passado — do qual nos afastamos temporalmente cada vez mais — não fica completamente sob a custódia de historiadores profissionais. Na forma de reivindicações e obrigações rivalizantes, ele também exerce pressão sobre o presente. Hoje se contrapõem à síntese abstrata de uma história em particular as muitas memórias diferentes e parcialmente conflitantes que tornam efetivo seu direito de reconhecimento na sociedade. Ninguém pode negar que essas memórias se tornaram uma parte vital da cultura atual, com suas experiências e reivindicações tão próprias.

A primeira parte da frase supracitada de Nora é muito mais fácil de validar. Há mais de uma década se fala muito em memória, e isso é atestado por uma literatura técnica crescente e cada vez mais densa. O interesse pela memória transcende as costumeiras fases de “temas da moda” na ciência. O fascínio duradouro pelo tema da memória parece ser uma evidência de que diferentes questões e interesses se cruzam, se estimulam e se condensam, provenientes dos estudos culturais, das ciências naturais e da tecnologia da informação. O computador — concebido como memória simulada e armazenada —, da mesma forma que a neurologia com suas novas descobertas sobre a formação e o desmanche de redes neurais, cria um horizonte significativo de questionamentos para a área de estudos culturais. Essa variedade de abordagens da questão revela que a memória é um fenômeno que nenhuma disciplina pode monopolizar.

O fenômeno da memória, na variedade de suas ocorrências, não é transdisciplinar somente no fato de que não pode ser definido de maneira unívoca por nenhuma área; dentro de cada disciplina ele é contraditório e controverso. “Memória é inexplicável”, diz Virginia Woolf¹⁵. O presente trabalho é guiado pelo interesse de possibilitar tantos pontos de vista sobre o complexo fenômeno da memória quantos forem possíveis e apontar novas linhas de desenvolvimento e problemas para trabalhos futuros. Por isso, a seguir vamos alternar sempre entre as *tradições* (mnemotécnica e discurso de identidade), as *perspectivas* (memórias cultural, coletiva e individual) e as *mídias* (textos, imagens, lugares, bem

14 Paul Antze e Michael Lambek (orgs.), *Tense Past. Cultural Essays in Trauma and Memory*. Nova York, Londres: 1997, p. VII.

15 Virginia Woolf, *A Biography*. Orlando, Harmondsworth, 1975, p. 56.